

## DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1995

## EVOCAÇÃO DE ARUNDO VICENTE

No dia 28 de Abril, na Casa da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, realizou-se, no acto de apresentação do número 16 da *Revista História das Ideias*, uma sessão evocativa do Dr. Arlindo Vicente.

Nessa sessão usaram da palavra o director desta revista, o filho do homenageado, Prof. Doutor António Pedro Vicente, e sua Ex<sup>a</sup> o Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, que concedeu a honra de presidir à mesa e de encerrar o acto. Seguiu-se a abertura de uma exposição sobre Arlindo Vicente, nomeadamente na sua qualidade de antigo estudante de Coimbra. Esta exposição, que contou com o apoio da Faculdade de Letras e da Câmara Municipal, para além de diversos particulares, foi organizada por Isabel Nobre Vargues, Heloísa Paulo e Luís Reis Torgal, contando com a colaboração do estudante Miguel Linhares. Finalmente, a Câmara Municipal levou a efeito a cerimónia de inauguração de uma placa topomínica na rua que passou a ter o nome do homenageado.

Reproduz-se aqui o discurso do director da *Revista de História das Ideias* que serviu de introdução ao catálogo da exposição, publicado com o apoio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra:

As datas comemorativas são afinal simples produto da Memória. Na verdade, o que significam lustros, decénios, vinténios, cinqüenténios ou mesmo centenários... a não ser pretextos a que o Homem se liga para lembrar certos factos ou homens, na ânsia de evitar o esquecimento e a morte e, assim, prolongar a vida, "re-viver" em todo o sentido do termo? Mas que importa isso se essas circunstâncias forem aproveitadas não tanto para "recordar" e "utilizar" a História e sim para "fazer História"?

Nos anos de 1994 e 1995 descobriram-se algumas dessas coincidências cronológicas, como de resto tem sucedido em qualquer ano do calendário. Assim, se 1994 marcou a passagem do primeiro vinténio após o 25 de Abril — como correspondeu ao centenário da morte de Oliveira Martins, que se está a celebrar agora em Coimbra com um congresso — 1995 foi assinalado com a recordação dos trinta anos da morte violenta e criminosa do General Humberto Delgado, que deu origem também a um colóquio e a alguns outros acontecimentos de evocação. Porém, se quiséssemos encontrar mais coincidências cronológicas, quantas seriam aquelas com que depararíamos? Por exemplo, decorreu já, e porventura já quase se esqueceu, o centenário de um outro opositor ao Estado Novo, que durante largo tempo o serviu, nomeadamente no Ultramar. Estamos a falar de Henrique Galvão, o comandante da espectacular ocupação do paquete "Santa Maria", que nasceu no Barreiro em 4 de Fevereiro de 1895.

O Instituto de História e Teoria das Ideias e a *Revista de História das Ideias* não têm enjeitado estas oportunidades comemoracionistas. Ao contrário, têm-nas assumido e procurado aproveitá-las como meio para desenvolver a investigação histórica ou, pelo menos, para coligir sínteses de pesquisas já realizadas em tomo de certos temas. Tal sucedeu com os centenários do Marquês de Pombal, de António Sérgio, da Revolução Francesa, da Universidade e de Antero de Quental. E ainda poderíamos acrescentar e destacar os números que sobre o tema "O Sagrado e o Profano" dedicámos a Silva Dias, nosso saudoso Mestre e fundador da revista, quando ocorreu a sua jubilação. Assim, também não poderíamos ficar indiferentes a uma data, talvez ficcional, mas que diz respeito a um acontecimento de indiscutível relevo na história portuguesa — os vinte anos do 25 de Abril ou, se quisermos, do derrube do Estado Novo, do Marcelismo, que, com a sua fórmula de "Renovação na continuidade", recebeu e desgastou a herança salazarista até à agonia final. Por isso a *Revista de História das Ideias* dedicou os seus números de 1994 e de 1995 ao tema "Do Estado Novo ao 25 de Abril".

E, ao apresentar o primeiro volume sobre a referida temática, pensou recordar uma figura importante da oposição ao Salazarismo — Arlindo Augusto Pires Vicente. Neste caso, porém, não seguiu qualquer cronologia comemoracionista, pois o candidato da Oposição Democrática às eleições presidenciais de 1958 nasceu em 5 de Março de 1906, no Troviscal (Oliveira do Bairro), e morreu em Lisboa, no dia 24 de Novembro de 1977.

Tratar-se-á de uma "homenagem" a este advogado-pintor e político? Costumamos dizer que os historiadores não prestam homenagens no sentido em que a palavra "homenagem" é normalmente empregue, pois a História não é — não pode ser — uma escola académica de elogios, como não pode ser expressamente um tribunal que julgue os homens. Cremos antes numa História objectiva, em que a ideologia está por certo presente, mas não de uma forma directa que a transforme numa espécie de "Propaganda" contra ou a favor de homens ou de acontecimentos. Esta concepção de História será a única que

pode dar a conhecer, o melhor possível, a realidade passada e só esse conhecimento poderá, afinal, criar no cidadão, saudavelmente, a ciência que o conduz a uma análise crítica do que passou.

A homenagem que nós historiadores desejamos prestar a Arlindo Vicente terá sim o sentido de sugerir — neste caso, com uma Exposição, não mais do que sugerir — a procura de elementos para que não se esqueça a figura deste militante das ideias de liberdade e de igualdade, e diríamos mesmo de fraternidade, embora correndo o risco de cairmos no chavão-paradigmático da Revolução Francesa. Não será tanto uma homenagem no sentido de venerarmos um Homem, mas na acepção de o recordarmos como "figura da História". Também por isso sugerimos a atribuição do seu nome a uma rua da cidade.

Sintomaticamente a Memória e a História (realidades que se supõem, mas que não são coincidentes) seleccionam certos acontecimentos e personagens e esquecem outras. Falávamos há dias a uma jornalista e, em outro dia, a um colega, que iríamos fazer uma Exposição sobre Arlindo Vicente. Veio logo a pergunta: quem foi Arlindo Vicente? Todavia, todos, ou quase todos, recordam Humberto Delgado, conhecido miticamente como "General sem medo". Porquê os silêncios e os esquecimentos? Compete ao historiador pensar nesta tão interessante questão. Apenas como meras hipóteses de trabalho: Porque Arlindo Vicente, embora não sendo comunista, foi apoiado pelo Partido Comunista na campanha eleitoral? Porque discretamente desapareceu do tablado da política visível e nunca mais se envolveu no seu espectáculo mediático? Porque essa outra grande figura da oposição ao regime de Salazar, Humberto Delgado, acabou por simbolizar, de modo destemido e polémico, essa acção de "unidade" da oposição ao Estado Novo e de luta pelas liberdades democráticas? Porque teve uma morte (quase) natural — ainda que talvez provocada pelas sequelas da sua prisão na ala Norte da Cadeia de Caxias — e não uma morte terrivelmente violenta, como aquela que ocorreu no lugar de Malos Pasos, próximo de Villa Nueva del Fresno? Porque os seus restos mortais não foram transferidos para o Panteão Nacional?

Em suma, nós, na qualidade de historiadores, desejamos cumprir a nossa missão de problematizar a História e de trazer mais para a luz esta figura ignorada ou esquecida por alguns e que parecia ter a percepção de que a imagem da sua figura discreta já existia no seu tempo e talvez viesse a acentuar-se através dos anos. Na verdade, Arlindo Vicente, no seu manifesto dirigido aos portugueses, ao aceitar a candidatura que tinha primeiro sido oferecida ao Engenheiro Cunha Leal, dizia: "Homem sem medalhas para exhibir, sem nome espalhado pelos instrumentos da publicidade, sem cargos oficiais nem honorarias, chegado à maioria política já sob o regime da ditadura implantada pelo movimento militar de 1926, aceitei, não obstante, ser candidato à Presidência da República pela Oposição Democrática."

E este acto de recordar Arlindo Vicente é realizado na cidade que o não deveria ter esquecido. Com efeito, aqui se matriculou pela primeira vez em

Medicina e depois em Direito, faculdade em que se formou em 1932, e aqui interveio activamente no seio da vida académica, com as suas críticas desassombradas e com o seu jeito de desenhador e de pintor, de humorista e de retratista, de observador dos homens e do povo. E também aqui namorou com uma então estudante de Farmácia, que seria sua mulher por toda a vida. Só depois este homem, natural e filho de gentes da Bairrada, partiu para Lisboa, embora não esquecesse Coimbra. Talvez por isso tenha pintado o cartaz da Queima das Fitas de 1938, um cartaz que parece querer representar um pouco a tristeza do estudante que perdeu a Liberdade, mesmo na alegria do queimar das fitas. Aliás, o desenho que intitulou "Monumento" e que figura no seu livro de curso era bem revelador da revolta perante as injustiças que sentia.

Pintor, amigo e companheiro de tantos outros artistas de grande fama, como Almada Negreiros, Sara Afonso, Jorge Barradas, José Tagarro, Vieira da Silva, ficou relativamente esquecido em colecções particulares e museus, com os seus quadros de pintura forte e dura, como num gesto expressionista de raiva e de dor. Retratista dos maiores intelectuais do tempo, a começar no nosso Miguel Torga e a continuar em João Gaspar Simões, José Régio, Afonso Duarte, Carlos Queirós, Adolfo Casais Monteiro, Pierre Píourcade, Edmundo Bettencourt, Abranches Ferrão, Vitorino Nemésio e tantos outros, talvez se tenha esquecido o seu retrato, que aparece não só nas fotografias da campanha eleitoral, mas também no traço de António Pedro ou no bronze de Canto da Maia.

Arlindo Vicente estudante, advogado (tantas vezes advogado de presos políticos nos Plenários da Boa Hora), pintor (algumas vezes também pintor de presos políticos, como sucedeu com o advogado e político comunista de Coimbra Alberto Vilaça), político ele também, por imperativo de consciência e não por "opção funcional" — são estes alguns dos traços que apresentamos nesta Exposição que lhe é dedicada. Talvez nela faltem alguns enquadramentos, mas assumidamente optámos por não os apresentar, tendo em vista a quantidade de material que, graças à sua família e a alguns amigos, conseguimos recolher. Lembremos, no entanto, que a sua acção decorreu sobretudo durante a Ditadura Militar resultante da "Revolução Nacional" de 28 de Maio de 1926 e durante o Estado Novo, nas suas fases salazarista (1932-1968) e marcelista (1968-1974). E, ao contrário de Humberto Delgado, ainda viu, já doente, o 25 de Abril. Mas pouco depois morreu... É nosso desejo fazê-lo "re-viver" como "homem histórico". Entendemos que será essa a melhor forma de o homenagear.